

França não se cansa  
de constranger o  
ex-prefeito tucano

# OS SURFISTAS DO ATRASO

UM CERTO REFLUXO NA POPULARIDADE DE BOLSONARO PARECE INSUFICIENTE PARA IMPEDIR SUA VITÓRIA, MAS PODE MUDAR OS VENTOS NAS DISPUTAS ESTADUAIS

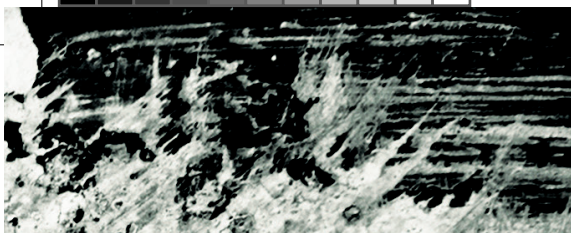
por RODRIGO MARTINS\*

**A**pós procurar Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro para o tradicional “beija-mão” e ser esnobado pelo capitão, acometido de uma súbita “indisposição”, João Doria, candidato do PSDB ao governo de São Paulo, não se deu por vencido. No sábado 20, divulgou nas redes

sociais um vídeo no qual o presidencialável do PSL agradece o apoio do tucano e promete, “havendo oportunidade”, sentar para conversar. A declaração foi dada em uma entrevista para o portal UOL editada pela campanha. No dia seguinte, Doria marcou presença em um ato pró-Bolsonaro na Avenida Paulista. Com um anacrônico discurso, típico da

Guerra Fria, atacou o seu adversário na disputa estadual. “O recado vai para você, Márcio França, socialista esquerdistas. Esse é o Brasil que a gente gosta”, disse, ao apontar para um grupo uniformizado de verde-amarelo.

Na propaganda eleitoral, a estratégia é sempre a mesma: tentar associar a todo custo França, o governador em exercício,



Doria jura não ser o homem que aparece na *sex tape* do Zap

PATRICIA CRUZ E ANANDA MIGLIANO/FOTOGRAFICO/FOLHAPRESS

vice do tucano Geraldo Alckmin em 2014, ao “comunismo” e aos governos petistas. No acalorado debate da Band, Doria buscou constranger o adversário, mas o tiro saiu pela culatra. “Quando você era conselheiro do Lula, que tipo de conselhos você deu ao presidiário?”, provocou o tucano. “Se eu tivesse que dar conselho pra o Lula hoje seria: não empresta mais dinheiro para o Doria. Ele te emprestou 44 milhões de reais do BNDES para você comprar um jatinho”, rebateu o pessebista, silenciando a claqué que o candidato do PSDB levou para o auditório.

Retraído após o escândalo do vídeo em que supostamente aparece em uma orgia, Doria parecia bem mais cauteloso no debate promovido pela Record na terça-feira 23. Em uma declaração pública gravada ao lado da esposa, Bia Dória, o tucano garantiu que o vídeo é falso, uma “manipulação grotesca”, e disse ter solicitado uma perícia para encaminhar o caso à Justiça Criminal. Antes disso, segundo o colunista Lauro Jardim, do jornal *O Globo*, a campanha do PSDB responsabilizara França pela divulgação da *sex tape*. “É lamentável que Doria nos faça essa

acusação que chega a ser quase tão grave quanto a violência de que ele é vítima”, reagiu o candidato do PSB. “Doria não deve medir os outros pela sua régua.”

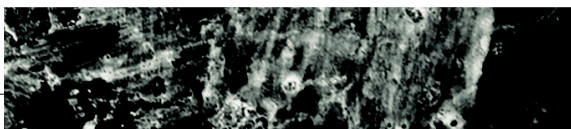
Senso de humor à parte, a obsessão de Doria em vincular a sua imagem à de Bolsonaro é representativa de um movimento que tem marcado quase todas as disputas estaduais neste momento. Após os surpreendentes desempenhos de Romeu Zema em Minas Gerais e do juiz Wilson Witzel no Rio de Janeiro, a grande maioria dos candidatos a governador no segundo turno tenta surfar na onda bolsonarista. Nas pesquisas

estimuladas realizadas pelo Ibope e divulgadas na véspera da eleição, Zema encontrava-se em terceiro lugar, com 23% dos votos válidos, e Witzel em quarto, com apenas 12%. Ambos colaram sua imagem à do capitão na reta final do primeiro turno, terminaram em primeiro lugar na votação do domingo 7 e seguem nas disputas como francos favoritos.

## **A crescente rejeição ao capitão ameaça aliados. Em São Paulo, o apoio de Doria tira votos do presidencial**

**N**o total, 13 governadores foram definidos no primeiro turno. Os partidos do campo progressista tiveram inegável êxito, sobretudo no Nordeste. Foram reeleitos três governadores do PT, dois do PSB e um do PCdoB. No Espírito Santo, o pessebista Renato Casagrande também conseguiu se eleger. No segundo turno, o cenário é bem diferente. Apenas três candidatos aos governos estaduais declararam apoio ao petista Fernando Haddad, enquanto ao menos 15 abraçaram Bolsonaro com denodo.

Após ter declarado em maio passado que a eleição de Bolsonaro seria um “desastre” para o Brasil, Doria converteu-se à seita do “mito” do PSL ainda no





primeiro turno, quando começou a espalhar cartazes pelo voto “BolsoDoria”. Abandonado, Alckmin não esconde o ressentimento com o seu afillhado na política, classificado como “temerista” e “traidor” durante uma reunião a portas fechadas da Executiva do PSDB.

Apesar da implosão do tucanato paulista, dividido entre apoiar ou não o próprio candidato no estado mais rico do País, a estratégia tem produzido efeito. Segundo a última sondagem do Ibope, divulgada na terça-feira 23, Doria tinha 53% dos votos válidos e França, 47%. Estavam tecnicamente empatados, dentro da margem de erro da pesquisa, o tucano numericamente à frente.

“Doria tenta surfar na onda Bolsonaro e, ao mesmo tempo, galvanizar-se como uma liderança da direita em contraposição ao PT”, resume o cientista político Danilo Cesar Fiori, da USP. O professor vê, porém, dois riscos na estratégia “BolsoDoria”: um possível aumento da rejeição, herdada do capitão, e o fogo amigo de setores do PSDB ressentidos com a sua infidelidade. Nesse cenário, emenda Fiori, França pode assumir o papel de “terceira via conciliadora em um momento de grande polarização”.

**D**ono de uma próspera rede varejista com sede em Araxá, Zema lançou-se na disputa pelo governo de Minas Gerais como um *outsider* na política, apesar de ter sido filiado ao PR de Valdemar Costa Neto por 18 anos. Com pose de “gestor” e um carimbado discurso em favor da “meritocracia”, passou a maior parte da campanha com menos de 10% das intenções de voto. A arrancada deu-se apenas na semana que antecedeu o primeiro turno, quando declarou apoio a Bolsonaro e apresentou-se como a melhor opção para vencer Fernando Pimentel, candidato

Colados à imagem do capitão, os azarões Zema e Witzel seguem na dianteira

## Em nome do pragmatismo, três candidatos a governador do PDT abraçaram Bolsonaro no segundo turno

à reeleição pelo PT, no segundo turno.

Ao cabo, Zema terminou com 42,73% dos votos no pleito do domingo 7, mais de 13 pontos à frente do segundo colocado, o tucano Antonio Anastasia. O petista Pimentel ficou pelo caminho. Agora, o neófito candidato do Novo tem nada menos que 67% dos votos válidos, segundo a pesquisa divulgada pelo Ibope na terça-feira 23. Não há o mais pálido sinal de nuvens em seu horizonte.

No Rio de Janeiro, o azarão Witzel segue na liderança da corrida eleitoral. A vantagem, é verdade, já foi bem maior. O candidato do PSC chegou a registrar 60% dos votos válidos na primeira sondagem do Ibope do segundo turno, apresentada em 17 de outubro. Agora, possui 56%, contra 44% do ex-prefeito do Rio

Eduardo Paes. Ou seja, a diferença caiu de 20 para 8 pontos.

Ex-presidente da Associação dos Juizes Federais no Rio e amigo do historiônico Marcelo Bretas, juiz responsável pela Lava Jato no estado, Witzel abandonou a magistratura em março. Acorado em um forte discurso de combate à corrupção e à criminalidade, é um apoiador de Bolsonaro de primeira hora. Cresceu vertiginosamente, contudo, após participar de um comício em Petrópolis, no qual aliados destruíram uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco, executada com quatro tiros na cabeça em março.

**O** cientista político Cláudio Couto, professor da FGV de São Paulo, aponta, no entanto, percalços para os candidatos que apostaram todas as fichas na aliança com o presidente do PSL. “Há um certo refluxo na popularidade de Bolsonaro na reta final da campanha. Provavelmente, isso não vai impedir a sua vitória, mas pode produzir alguma alteração nos cenários estaduais”, avalia. “Se as pesquisas confirmarem essa tendência, quem se associou muito fortemente à imagem dele



EVERTON DANTAS. REPRODUÇÃO/MÍDIA SOCIAL E LUIS IVO



Fátima Bezerra  
é outra vítima  
das notícias falsas

pode colher resultado inverso ao esperado. No Rio, a vantagem de Witzel era enorme, mas está se estreitando. Talvez não seja o suficiente para mudar o desfecho que parecia anunciado, mas há claramente uma mudança em curso.”

Não é apenas a crescente rejeição a Bolsonaro que ameaça os aliados nas disputas estaduais. A rejeição a Doria, para citar um exemplo, também tem prejudicado o presidencialismo do PSL. Na cidade de São Paulo, Haddad já lidera com 51% das intenções de voto, segundo o Ibope. No primeiro turno, o petista teve apenas 19,7% dos votos paulistanos, enquanto Bolsonaro amealhou 44,6%. O revés do capitão é atribuído à impopularidade do ex-prefeito tucano, que administrou a capital paulista por pouco mais de um ano, antes de abandonar o cargo para disputar o governo estadual, descumprindo a promessa de ficar no cargo até o fim. No interior, Bolsonaro detém folgada vantagem.

Em nome do pragmatismo eleitoral, até mesmo os candidatos a governador do PDT de Ciro Gomes, partido que se apresenta como herdeiro do legado

trabalhista de Leonel Brizola, decidiram abraçar Bolsonaro. O Conselho de Ética da legenda propôs a expulsão sumária e a cassação das candidaturas de Carlos Eduardo Alves, no Rio Grande do Norte, de Amazonino Mendes, no Amazonas, e de Odilon de Oliveira, em Mato Grosso do Sul. Carlos Lupi, presidente do PDT, tratou de colocar panos quentes. “Não vou sangrar o partido nas vésperas das eleições”, disse, ao mencionar a disputa pelo governo potiguar, na qual o partido enfrenta a petista Fátima Bezerra. “Como vou exigir que o meu candidato suba no palanque do PT?”

Nas projeções de segundo turno, a candidata petista chegou a ter quase 20 pontos de vantagem. Em 17 de outubro, passou a figurar com 54% dos votos válidos, tecnicamente empatada, no limite da margem de erro, com o pedetista, primo do ex-ministro Henrique Eduardo Alves e um dos remanescentes da oligarquia local.

Não é só o apoio que causa estranheza. No estado parece haver uma reprodução da tática bolsonarista, com a disseminação em massa de notícias falsas contra

Bezerra, a exemplo de áudios falsos que insinuam o apoio de facções criminosas à candidatura petista. “Bolsonaro não combina em nada com o que o PDT defende. Eu, vereadora em terceiro mandato, não fui ouvida por nenhum dirigente em relação a essa aliança e não me sinto representada”, lamenta Julia Arruda, vereadora de Natal, cujo pai participou da fundação do PDT no estado.

**O** Amazonas, comandado pelo pedetista Amazonino Mendes, foi um dos lugares nos quais o engajamento se deu de forma mais natural. O PSL integra a coligação do governador e elegeu, inclusive, o segundo deputado federal mais votado do estado, Delegado Pablo, com 150 mil votos. Ainda na Região Norte, chama atenção a postura vacilante do candidato à reeleição no Amapá Waldez Góes. Ele esteve na comitiva dos governadores que tentaram visitar Lula naarceragem da Polícia Federal meses atrás, e agora guarda distância da campanha petista.

“Waldez participou de um ato da candidatura de Lula, fez esses movimentos em direção ao PT, mas agora sobe em cima do muro por tática eleitoral. Nós, desde a convenção do PSB, quando o partido optou pela neutralidade, confirmamos nosso apoio”, compara o deputado eleito e ex-governador Camilo Capiberibe, filho do João Capiberibe, que liderava com 52% dos votos válidos em 19 de outubro, segundo o Ibope.

“Confirmando-se a vitória de Jair Bolsonaro, a eleição de governadores da oposição representa a criação de bastiões da resistência nos estados”, observa Couto, da FGV. “Isso pode ser muito importante nesta nova etapa da história brasileira, para haver algum tipo de contenção democrática a um governo de perfil autoritário no plano federal.” •

\* Colaboraram Giovanna Costanti, Murilo Matias e Natália Silva.